

O MARCO PAULO DE VALENTIM FERNANDES: UMA CONTRIBUIÇÃO SINGULAR PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO PENINSULAR

JOSÉ ANTONIO SABIO PINILLA

MARÍA MANUELA FERNÁNDEZ SÁNCHEZ

UNIVERSIDADE DE GRANADA

1. Introdução

Desde o momento em que decidimos estudar a reflexão teórica sobre a tradução em Portugal, num determinado período histórico e através de um *corpus* de textos¹, estivemos conscientes das dificuldades conceptuais e metodológicas que um trabalho destas características podia apresentar. Entre os desafios que tínhamos que enfrentar, destacava-se um de grande envergadura, que determinava todas as decisões posteriores na elaboração do trabalho, e que se resumia numa simples frase a modo de slogan: contra a banalização do discurso histórico. A opção historiográfica que seguimos, uma antologia elaborada segundo critérios discursivos, pretendia evitar a enumeração acumulativa de dados em redor dos grandes nomes e das suas grandes obras. Para nós, não se tratava apenas de dar a conhecer alguns textos, na sua maioria desconhecidos, ordenados cronologicamente e agrupados numa selecção mais ou menos bem conseguida. Interessava-nos, acima de tudo, favorecer uma leitura interpretativa das fontes que elucidasse quanto à complexidade do fenómeno que estudávamos e chamasse a atenção para os factores culturais e ideológicos que determinam práticas sociais como a tradução. Este objectivo exigia, no primeiro tipo de textos que considerámos, os textos preliminares, que tivéssemos em atenção fórmulas discursivas dispersas, de difícil acesso e origem distinta (dedicatórias de príncipes como o Infante D. Pedro, prólogos de letrados da Corte como Vasco

¹ José Antonio Sabio Pinilla e María Manuela Fernández Sánchez, *O Discurso sobre a Tradução em Portugal: o proveito, o ensino e a crítica. Antologia (c. 1429-1818)*, Lisboa: Colibri, 1998.

Fernandes de Lucena, proémios de impressores como Valentim Fernandes, cartas de tradutores tão conhecidos como Duarte de Resende ou Damião de Góis, etc.), para tentarmos descobrir o valor justificativo, defensivo, retórico ou argumentativo da reflexão teórica sobre a tradução. Desta maneira, poderíamos reconstruir o contexto histórico e cultural das próprias traduções e de outras práticas textuais, literárias e didáticas com as quais se relacionam, no período estudado (ca. 1429-1818). Nesta perspectiva, o interesse dos textos seleccionados residiria nas pistas contextuais que oferecem sobre a situação histórica e cultural em que se inserem e não tanto no seu valor criativo ou literário.

Neste trabalho, iremos aprofundar a perspectiva de investigação histórica que adoptámos no início, e à qual acabamos de nos referir, e fá-lo-emos a partir dos textos compilados e publicados em 1502 pelo impressor Valentim Fernandes, conhecidos na história da literatura portuguesa pelo nome genérico de *Marco Paulo*². Concentrar-nos-emos nesta compilação por constituir uma excelente contribuição da singularidade portuguesa para a história da tradução peninsular, documentando um renovado interesse pelos relatos de viagens em plena época dos descobrimentos, uma nova modalidade de difusão de textos através da imprensa, cujas origens na Península Ibérica remontam ao último terço do século XV³, sem esquecer, graças aos textos preliminares que acompanham as traduções, a familiaridade com os lugares-comuns que aparecem nas traduções da matéria clássica no âmbito peninsular e europeu, nem a dívida contraída com letrados castelhanos nas referências sobre a tradução. E tudo isto está representado numa personalidade tão complexa e multifacetada como a de Valentim Fernandes.

2. Valentim Fernandes: impressor, autor, intérprete e tradutor

Valentim Fernandes é a figura mais importante da tipografia portuguesa dos finais do século XV e princípios do século XVI não só pela quantidade e qualidade das obras que saíram da sua oficina lisboeta de 1495 a 1518, mas também pelo protagonismo que obteve na sociedade portuguesa da época, a começar pelo que a Casa Real lhe concedeu. A actividade tipográfica deste impressor inicia-se no

² Tal como o reproduz a edição que seguimos neste trabalho a cargo de Francisco Maria Esteves Pereira, *Marco Paulo. O Livro de Marco Paulo - O Livro de Nicolao Veneto - Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922.

³ A introdução da imprensa com caracteres móveis documenta-se em 1472 em Espanha e em 1487 em Portugal. Neste estudo, seguimos a obra de Artur Anselmo, *As Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981. A actividade tipográfica de Valentim Fernandes é descrita nas pp. 146-198.

último ano do reinado de D. João II e desenvolve-se ao longo de quase todo o reinado de D. Manuel I. Durante estes anos, participa activamente na vida cultural, sobretudo como impressor (com mais de vinte obras editadas), mas também como autor, intérprete e tradutor.

Nascido na Morávia, uma região da Europa Central de influência alemã, é provável que se tenha instalado em Lisboa depois de 1493, data em que se encontrava em Sevilha a adquirir material para montar a sua oficina em Lisboa⁴. A oficina era o centro da actividade comercial de qualquer impressor, que podia efectuar a venda dos livros impressos como complemento da sua actividade principal, razão pela qual também era denominado de «livreiro». Valentim Fernandes foi um dos poucos impressores no Portugal de então que trabalharam por conta própria depois de conseguirem um certo capital com a impressão de obras feitas por encomenda⁵. A primeira obra que saiu da sua oficina foi a tradução portuguesa da *Vita Christi* de Ludolfo da Saxónia, o Cartusiano, elaborada em 1445 por frei Bernardo de Alcobaca, que deu continuidade à versão de frei Nicolau Vieira. A impressão foi realizada em colaboração com Nicolau da Saxónia, impressor também alemão, por encomenda da rainha D. Leonor. Esta obra-prima da tipografia portuguesa, foi considerada até 1965 o primeiro livro impresso em português⁶. Além disso, Valentim Fernandes usufruiu do favor da Casa Real, da qual obteve os dois primeiros «privilégios reais» concedidos a um impressor em Portugal (o da *Glosa famosissima* das *Coplas* de Jorge Manrique em 1501 e o do *Marco Paulo* em 1502), o que evitava a concorrência desleal e assegurava a venda da edição, dado que não podia ser impressa nem vendida em Portugal sem a sua permissão; foi nomeado escudeiro da rainha D. Leonor em 1502 e tabelião dos mercadores alemães em Lisboa em 1503, com poderes para redigir e assinar documentos públicos e traduzi-los para latim ou português, sempre que fosse entre comerciantes alemães, dos quais também foi intérprete. Neste sentido, interessa realçar o seu papel no desenvolvimento das relações comerciais luso-alemãs, graças à sua faceta de mediador linguístico e à confiança nele depositada pela Casa Real⁷.

⁴ Cfr. A. Anselmo, *op. cit.*, p. 150.

⁵ Cfr. A. Anselmo, "Os primeiros impressores que trabalharam em Portugal", *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, vol. 2, n.º 2, Jul.-Dez. 1987 (7-14), pp. 12-13.

⁶ A aparição em 1965 do livro *Tratado da Confissão* (Chaves, 1489) veio recolocar a questão das origens da imprensa em Portugal ao situar, depois da tipografia de origem hebraica, a tipografia de origem hispânica antes da germânica. Cfr. José V. de Pina Martins, "O primeiro livro impresso em português", *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, vol. 2, n.º 2, Jul.-Dez. 1987 (161-166), p. 162.

⁷ Cfr. A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, vol. 2, n.º 2, Jul.-Dez. 1987 (27-32), p. 29.

Uma das principais qualidades do impressor Valentim Fernandes era a sua habilidade comercial para tirar o máximo de rentabilidade das suas edições sem arriscar muito. Este facto pode comprovar-se em toda a sua produção: desde a impressão da *Vita Christi* financiada pela rainha D. Leonor, passando pela sua continuação de 1505, o *Auto dos Apóstolos*, até à impressão das *Ordenações*, monumental codicilo do ordenamento jurídico português, que imprimiu, juntamente com João Pedro de Cremona, entre 1512 e 1514 por encomenda de D. Manuel I. No que diz respeito aos incunábulos que imprimiu em latim entre 1496 e 1500, todos eles destinados a um público restrito que conhecia essa língua, ou eram trabalhos encomendados (como é o caso do livro litúrgico *Vitiale missarum* de 1496, financiado pela Cúria de Lisboa) ou livros que tinham a sua venda assegurada (caso da *Grammatica Pastranae* de 1497, que se dirigia aos professores e alunos dos «Estudos Gerais» de Lisboa) ou eram livros do gosto dos humanistas da Corte (caso das *Epistolae et Orationes* de Cataldo Sículo em 1500)⁸. O mesmo sentido comercial encontramos nos livros impressos em língua vulgar financiados pelo próprio impressor: não só porque intuía a resposta favorável do mercado (a tradução da *Estoria do muy noble Vespasiano emperador de Roma*, 1496, um dos romances de cavalaria mais populares na Europa; o *Regimento proueytoso contra a pestenença*, 1496, um manual sobre a peste, num tempo em que as epidemias eram frequentes, ou o *Marco Paulo* de 1502, que fazia eco da curiosidade suscitada pelos descobrimentos marítimos ou pelos conhecimentos náuticos, como no caso do *Reportorio dos tẽpos* publicado em 1518), mas também porque eram livros que se encaixavam no bilinguismo reinante nos meios cultos lisboetas (caso da já referida *Glosa famosissima das Coplas* de Jorge Manrique em 1501 ou dos *Proverbios* do Marquês de Santillana, possivelmente nesse mesmo ano, ambos em espanhol).

Porém, a par do impressor e livreiro de aguçada visão comercial, devemos destacar, segundo Pina Martins, o Valentim Fernandes filólogo, erudito e geógrafo, que pode equiparar-se a impressores da categoria de Aldo Manúcio ou Robert Estienne⁹. A figura de Valentim Fernandes sobressai igualmente pelo seu desejo de abarcar temas que foram de proveito e utilidade a um público que já não sabia latim, situando-se na tradição do humanismo em língua vulgar que, sem descurar o uso da língua latina, procurava transmitir o conhecimento a um público cada vez mais numeroso. Esta atitude está presente na maioria das obras em língua vulgar

⁸ Cfr. A. Anselmo, «Incunábulos portugueses em latim», *Humanitas*, XXXI-XXXII, 1979-80 (167-196), p. 170.

⁹ Cfr. J. V. de Pina Martins, «Les origines de la typographie et la Renaissance au Portugal» (XI-XIX), prefácio da versão em francês do livro de Artur Anselmo, *Les origines de l'imprimerie au Portugal*, Braga: Barbosa & Xavier, Limitada, Editores, 1983, p. XIX.

impressas por Valentim Fernandes e fica bem definida desde a «Prohemial epistola» da *Vita Christi*, ao justificar a impressão ordenada pela rainha D. Leonor da seguinte maneira:

e consirando sua alteza quã grande he ho premio daquelles que os outros a salvaçam das suas almas per vertuosos meos provocã: e visto como nestes regnos som muyto mais os vulgares que os que a lingua latina conhecem, (...) mandou estãpar e de forma fazer em lingoa materna e portugues linguagem: como de feito com divino favor per obra comprio: com muyta dispeza de sua fazenda: por serviço do nosso senhor e proveito comũ: as quatro partes do livro intitulado vita xpi¹⁰,

- até ao prólogo do *Reportorio dos tẽpos*, obra que imprimiu e traduziu em 1518 a partir do original castelhano de André de Li, publicado em Saragoça em 1490. Apesar dos muitos trabalhos em que estava envolvido (como a recompilação de relatos de viagens e documentos sobre os descobrimentos que menciona no prólogo do *Reportorio*) e do cansaço próprio da idade, encontra tempo para

tresladar este presente Reportorio de Castelhana em Portugues, sendo eu alheo em a lingoa, mais que em a vontade, (...) quero eu aproueitar aos simprizes, que em a lingoa Castelhana não sam tã espertos. Seguindo a doutrina dos heroicos varões que dizem que todas as obras deũ ser feytas pera o comũ proueito¹¹.

Toda esta actividade não teria sido possível sem uma formação literária baseada no conhecimento das línguas latina, portuguesa, castelhana e, naturalmente, alemã, bem como sem uma curiosidade insaciável pelos livros e pela nova situação histórica derivada da expansão ultramarina portuguesa, curiosidade essa não isenta de um forte sentido de oportunidade comercial e que implicava um trabalho de manipulação de materiais que passamos a comentar.

¹⁰ *Vita Christi*, Lisboa: 1495, liv. I, fl. 2v.

¹¹ «Prólogo» do *Reportorio dos tẽpos*, Lisboa: 1518. Este livro, dedicado a António Carneiro, secretário de D. Manuel I, conheceu, durante o século XVI, treze reimpressões: 1521, 1524, 1528, 1538, 1552, 1557, 1563, 1570, 1573, 1574, 1579, 1582 e 1585. Uma prova mais da visão comercial de Valentim Fernandes, veja-se A. A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal. Volume Primeiro 1495-1834*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

3. O Marco Paulo português

Com a visão comercial que o caracterizava e o extraordinário conhecimento que possuía do seu ofício, Valentim Fernandes reuniu sob este título uma série de documentos que imprimiu em 1502, aproveitando, nesta ocasião, a expectativa suscitada pelos descobrimentos marítimos após a viagem de Vasco de Gama à Índia e a falta de textos portugueses sobre as novas terras descobertas. O ponto de partida foi o relato de viagens mais famoso de toda a Idade Média, na versão latina de frei Francisco Pipino elaborada por volta de 1320 e impressa pela primeira vez em 1485 em Antuérpia. Da versão latina existia, segundo a tradição, uma cópia manuscrita na biblioteca real de D. Duarte trazida de Veneza em 1428 pelo Infante D. Pedro como presente para o seu irmão, o Infante D. Henrique, e cuja tradução é atribuída por alguns autores ao próprio Infante D. Pedro, possibilidade que Esteves Pereira rejeita a favor de algum dos seus letrados¹². Do que não há dúvida é de que Valentim Fernandes não foi o tradutor, mas sim o impressor de uma das primeiras traduções numa língua vulgar do *Livro de Marco Paulo* a partir do texto latino¹³. Cabe também destacar a atitude com que Valentim Fernandes enfrentava o seu trabalho, principalmente de impressor, mas também de autor, tradutor e, definitivamente, compilador. Embora não fizesse mais do que seguir uma tradição de difusão textual, que tinha presente o tipo de público ao qual se dirigiam os textos e que exigia todo um processo prévio de selecção, tradução e compilação dos mesmos, há que reconhecer a concepção unitária e divulgadora a que presidiu o seu projecto ao reunir num só volume uma série de relatos de viagens e outras obras de carácter informativo que se complementavam mutuamente. Consideramos igualmente digna de mérito a visão ampla que tinha do seu ofício, respaldada por uma grande sede de conhecimentos, respondendo com este livro ao interesse da sociedade do seu tempo por alargar o mundo conhecido, no marco das empresas de exploração e conquista patrocinadas pela coroa portuguesa. Os textos que compõem esta recompilação são os seguintes:

- a) Epístola de Valentim Fernandes sobre a tradução do Livro de Marco Paulo, dirigida ao rei D. Manuel I.
- b) Introdução ao Livro de Marco Paulo feita por Valentim Fernandes.

¹² Cfr. F. M. Esteves Pereira, ed. cit., "Introdução", p. XXI. Esta versão, feita ou, melhor, mandada fazer pelo Infante D. Pedro, foi, sem dúvida, consultada por Zurara, dado que a cita na sua *Crónica da Guiné*.

¹³ Segundo A. Anselmo, op. cit., p. 172: "A edição portuguesa é tradução literal desse texto latino [o texto de frei Francisco Pipino], quer fosse realizada através de uma cópia manuscrita anterior e devidamente actualizada, como pretende Esteves Pereira, quer directamente sobre a edição de Antuérpia."

- c) Capítulos das províncias de título real: Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, traduzidos por Valentim Fernandes.
- d) Prólogo de quem traduziu o Marco Paulo de italiano para latim.
- e) O Livro de Marco Paulo: três livros precedidos por um índice cada um.
- f) Proêmio do Livro de Nicolao Veneto.
- g) Prólogo de Poggio Bracciolini ao Livro de Nicolao Veneto.
- h) O Livro de Nicolao Veneto em tradução de Valentim Fernandes.
- i) Carta do genovês Jeronimo de Santo Estevam dirigida a Jacome Mayer, traduzida por Valentim Fernandes.

Para apreciar o valor desta obra dentro da produção de Valentim Fernandes, devemos recordar outras obras que escreveu em português como o proêmio à *Vita Christi*, o prólogo do *Auto dos Apóstolos*, o prólogo da sua tradução *Reportorio dos t-epos*, e uma série de manuscritos relacionados com os descobrimentos e relatos de navegadores que se conservam num volumoso códice na Biblioteca do Estado da Baviera de Munique e que António Baião publicou em 1940 com o título, segundo Artur Anselmo pouco feliz, de *O Manuscrito «Valentim Fernandes»*¹⁴. Salvo estas obras e as contidas no *Marco Paulo*, todas as outras são trabalhos exclusivamente de impressão. A modo de recapitulação, podemos dizer que no *Marco Paulo* encontramos grande parte daquilo que foi a sua actividade como autor e tradutor com o objectivo prático de compilar uma informação útil ao público português daquele tempo.

Se nos detivermos nos diferentes-textos preliminares deste livro, poderemos comprovar a finalidade prática que perseguia, o interesse que sentia pelas empresas dos descobrimentos em terras orientais e a familiaridade que tinha com os livros de viagens medievais e com a tradição clássica e peninsular. Com efeito, a epístola dedicada a D. Manuel I, assim como a introdução ao *Livro de Marco Paulo*, reflecte o fascínio do impressor pelas transformações geradas pelos descobrimentos. Dentro de uma retórica cheia de lugares-comuns, surgem alguns aspectos que estarão presentes na literatura de viagens e, mais tarde, na epopeia camonianiana: as maravilhas das terras descobertas, a expansão do império português a novos mundos, a importância do porto de Lisboa no comércio de especiarias e pedras preciosas, a enumeração das riquezas orientais, qual Terra Prometida, e a ideia da evangelização dos pagãos com que conclui a epístola e que desenvolve na introdução. Esta ideia já estava presente no proêmio da *Vita Christi*, obra que, segundo Samuel Berger, se tornou numa espécie de Bíblia para os portugueses da Índia¹⁵.

¹⁴ Cfr. A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", art. cit., p. 28.

¹⁵ Cfr. Samuel Berger, "Les Bibles castillanes et portugaises", *Romania*, 28, 1899, pp. 551-552.

Para o historiador da tradução, a introdução ao *Livro de Marco Paulo* também possui interesse porque mostra uma preocupação com o aspecto linguístico (como acontece no prólogo da *Vita Christi* e no prólogo do *Auto dos Apóstolos*), ao referir as dificuldades do autor em escrever correctamente os nomes das terras orientais dada a grande diversidade de formas correntes e a corrupção que sofriam devida à passagem de uma língua para outra, transmitida pelas traduções e, sobretudo, pelos maus copistas. Chama também a atenção porque atesta a existência na Torre do Tombo do manuscrito latino do *Livro de Marco Paulo* trazido pelo Infante D. Pedro de Veneza em 1428, e porque informa dos aditamentos que introduz ao principio do livro sobre «certos capitulos das provincias de titulo real», que ele mesmo traduz para português de um livro em latim e que promete traduzir na integra. Antes de concluir, justifica a inclusão desses aditamentos, não para melhorar o livro, mas para proveito e utilidade dos não letrados:

*E nom ponho aqui estas adições pera emendar a presente obra, que tam boã e perfecta he. mas porque os simprizes e nom letrados melhor sejam informados das repartições daquellas prouincias do vosso titulo real*¹⁶.

Uma intenção semelhante está implícita no «Prohemio» da sua tradução do *Livro de Nicolao Veneto*, que inclui ao lado do *Livro de Marco Paulo* com uma justificação eminentemente prática, como é a de prevenir e informar os navegadores dos perigos e riquezas das terras orientais:

*E me moueo de tralladar e ajuntar ho presente liuro ao de Marco Paulo. ho seruiço que nysso espero de fazer a vossa Serenisima magestade. em auisar e amoestar os vossos subditos de cousas perijgosas que em as Indias ha. e onde ha christaãos e onde mouros ou ydolatras. e dos grandes proueitos e riquezas .s. pedras preciosas e espeçias aromaticas. ouro e prata. onde e em que lugar cada huñ naçe. pera receberem alguñ refrigerio e consolaçom aquelles que vossa reall Senhoria manda em busca dellas por tam longo e trabalhoso caminho. E ajnda porque este liuro falla mais particularmente de algũas çidades de India a nos outros já descobertas, como som as de Calicud e Cochym etc. E mais por dar testemunho ao liuro de Marco Paulo. que andou em as partes orientaes no tempo do papa Gregorio ho .x. e foy ho seu caminho contra a parte do norte pera as terras do gram Cham. E este outro despoys em ho tempo deste papa / Eugenio ho quarto se foy pera parte do sull e achou as sobreditas terras. e estas foram as causas da presente tralladaçam*¹⁷.

¹⁶ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., Aijj v.

¹⁷ *Id.*, 78, v-79, r.

Se o que acrescentava ao princípio do *Livro de Marco Paulo* eram notícias sobre a Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia para divulgar as posses do rei D. Manuel I entre os menos cultos, no *Livro de Nicolao Veneto* o que pretende é prestar, com a sua tradução, um serviço público. Trata-se de uma tradução literal elaborada, muito provavelmente, a partir da edição impressa em 1492, do texto que Poggio Bracciolini escreveu em latim sobre a viagem de Nicolo dei Conti a terras asiáticas em princípios do século XV e que Bracciolini incluiu no volume IV do seu tratado *Historiae de varietate fortunae*, composto entre 1431 e 1448. A escolha do título realça mais a figura do comerciante e viajante veneziano do que o título da obra original de Bracciolini. No entanto, o mais significativo é que estamos perante a primeira tradução deste quarto livro para uma língua vulgar. No âmbito peninsular, à compilação feita por Valentim Fernandes seguiu-se a primeira tradução espanhola do livro de Marco Polo, obra do arcediogo da Catedral de Sevilha, Rodrigo de Santaella, impressa em 1503 nessa mesma cidade e reproduzida ao longo de todo o século XVI em Espanha. Como Rafael Benítez Claros demonstrou, o tradutor espanhol usou a edição portuguesa como modelo, incluindo o Livro de Marco Paulo e o de Nicolao Veneto, de acordo com a ordenação e disposição realizadas por Valentim Fernandes¹⁸.

O próêmio do *Livro de Nicolao Veneto* foi considerado «uma peça curiosa de meditação filosófica e de retórica literária»¹⁹ e também um exemplo da desenvoltura alcançada por Fernandes no uso da língua portuguesa²⁰. Permitir-nos-emos fazer uma chamada de atenção a esse respeito e tentaremos demonstrar que a singularidade do referido próêmio deriva precisamente da manipulação das fontes que o constituem, o que reforça a hipótese da formação literária do impressor, a sua familiaridade com as ideias portuguesas e castelhanas sobre a tradução e com as convenções retóricas que precediam os textos traduzidos. Se lermos o próêmio com atenção, verificaremos que é um texto composto, pelo menos, por cinco partes: a primeira retoma a ideia clássica que contrapõe à brevidade da vida a memória deixada pelo homem que cultiva o espírito, sendo esta ideia uma tradução implícita de uma passagem da introdução de Salústio ao *De coniuratione Catilinae*²¹ com a qual justifica a sua versão. Na segunda, passa a referir as condições em que Poggio Bracciolini redigiu o relato de Nicolo dei Conti, mas introduz uma informação que não consta do texto original: que foi o papa Eugénio IV quem impôs ao veneziano, como penitência por ter

¹⁸ *Apud*. Anca Crivat-Vasile, "El viaje de Nicolo dei Conti en los relatos de Pero Tafur y Poggio Bracciolini", *Revista de Filología Románica*, 13, 1996 (231-252), p. 242.

¹⁹ A. Anselmo, *op. cit.*, p. 174.

²⁰ Cfr. A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", *art. cit.*, p. 30.

²¹ Cfr. A. Anselmo, *op. cit.*, p. 175, nota 93. A fonte foi assinalada por José Saraiva em 1961.

abjurado do cristianismo, ditar ao seu secretário a relação das suas viagens²². Na terceira, expressa a finalidade que preside a esta tradução, que é a de servir de guia aos navegadores portugueses, para passar, na quarta, a formular algumas considerações sobre as dificuldades de traduzir de latim para português, que procedem, desta vez, de Alfonso de Palencia, como veremos mais adiante, procurando distanciar-se do estilo pesado e de explicações desnecessárias que entorpeçam o estilo equilibrado que procura, em consonância com o ideal de divulgação que o orientava. E antes de se despedir do rei, desculpa-se por não ter podido fazer melhor a sua tradução: «Por ysso me val mais escuytar ho soom dos outros que o diguam melhor, e non tangendo que se quebrem as cordas». Finalmente, na quinta parte, conclui com uma fórmula de modéstia, qualificando a sua tradução como «pequena e grosseira», e despede-se, tomando como referência o *Esopete ystoriado*, a sublinhar a virtude do mecenato exercido sobre a obra pelo rei D. Manuel I.

O último texto do *Marco Paulo* é a *Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, escrita no dia 1 de Setembro de 1499 em Tripoli, na qual o viajante genovês relata a Jacome Mayer as suas viagens em finais do século XV pelo Sri Lanka e pela Sumatra.

Da descrição dos textos que compõem o *Marco Paulo*, parece que se depreendem algumas questões dignas de interesse. A primeira é o trabalho de compilação realizado por Fernandes, recorrendo a diversos textos e à manipulação, em maior ou menor medida, dos mesmos, com uma clara finalidade informativa em alguns deles e como meio de apoiar a veracidade do *Livro de Marco Paulo*, noutros. Por outro lado, não há dúvida de que esta compilação pretendia chamar a atenção do público com o objectivo de vender a obra e divulgá-la entre muitos. Para isso, Fernandes não só prepara os materiais apresentando o livro de maneira atraente para os leitores, como também procura a protecção real mediante o «privilégio» de impressão, que lhe garantia a venda do livro sem concorrência alguma. Por último, não podemos esquecer o seu entroncamento com a tradição peninsular, que permite relacionar os plágios assinalados com convenções retóricas e textuais conhecidas, e reconhecer ao autor – que não era nem letrado, nem membro da nobreza, nem clérigo, nem uma personalidade do meio universitário – uma formação linguística e literária fora do comum e da qual deu provas não só no *Marco Paulo*²³.

²² Cfr. A. Crivat-Vasile, art. cit., pp. 241-242.

²³ Por exemplo, na «Proemial epistola ao Principe D. João II» da *Vita Christi*, veja-se J. A. Sabio Pinilla e M. M. Fernández Sánchez, *op. cit.*, pp. 51-52.

4. O proémio do Livro de Nicolao Veneto: algumas ideias sobre a tradução

Como já foi referido, este proémio inicia-se com a tradução de uma passagem da introdução do *De coniuratione Catilinae* de Salústio, que Valentim Fernandes toma sem citar a fonte, seguindo uma prática habitual na época. Nas palavras de Artur Anselmo, «o impressor não cita a fonte, o que não é de estranhar numa época em que toda a arte literária afinava pelo diapasão imitativo»²⁴. Reproduzimos agora o texto latino e a tradução de Fernandes:

Omnis homines qui sese student praestare ceteris animalibus summa opem niti decet ne uitam silentio transeant ueluti pecora, quae natura prona atque uentri oboedientia finxit. Sed nostra omnis uis in animo et corpore sita est; animi imperio, corporis seruitio magis utimur; alterunt nobis cum dis, alterum cum beluis commune est. Quo mihi rectius uidetur ingeni quam uirium opibus gloriam quaerere et, quoniam uita ipsa qua fruimur breuis est, memoriam nostram quam maxime longam efficere. Nam diuitiarum et formae gloria fluxa atque fragilis est, uirtus clara aeternaque habetur. (...) Quae homines arant, nauigant, aedificant, uirtuti omnia parent. Sed multi mortales, dediti uentri atque somno, indocti incultique uitam sicuti peregrinantes transiere. Quibus profecto contra naturam corpus uoluptati, anima oneri fuit. Eorum ego uitam mortemque iuxta aestumo, quoniam de utraque siletur. Verum enim uero is demum mihi uiuere atque frui anima uidetur, qui aliquo negotio intentus praeclari facinoris aut artis bonae famam quaerit²⁵.

Todollos homes que desejam ser melhores que as outras alimarias. com suma diligencia deuem trabalhar que nom passem a vida em silêncio como as bestas, as quaes a natureza formou inclinadas a obedecer aa sensualidade e apetito do ventre. Mas toda nossa força sta no animo e no corpo. Do animo husamos pera mandar. do corpo pera seruir e obedecer. Em ho huã participamos com a primeira causa que he Deos. ho outro teemos comuã com as bestas. Pello qual com as forças do ingenho buscamos gloria. E poys a vida que teemos he breue leyxar memoria de nos a mais longa que podemos me parece melhor que nom com as forças do corpo. Ca a gloria das riquezas e fremosura he transitoria e quebradiça, e soo a virtude he stimada esclarecida e eterna. E assy as cousas por as quaes os homees trabalham nauegam e edificam. todas aa virtude obedecem. Mas muytos dos nascidos foram dados ao ventre e a sono. sem saber policia. e como peregrinos passaram a vida. aos quaaes contra natura lhes foy dado ho corpo em prazer e a alma em nojo. daquestes a vida e a morte estymo por huã

²⁴ A. Anselmo, "Valentim Fernandes ou a mediação na alteridade", art. cit., p. 30.

²⁵ A. Anselmo, *op. cit.*, p. 175, nota 93.

*ygal. porque de hũa nem de outra nom se falla. E soo aquelle me parece que viue e se aproueyta da alma. ho qual em algua cousa ocupado busca fama, ou de algũa arte boõa esclarecida façanha*²⁶.

Valentim Fernandes conhecia as convenções retóricas que estruturavam os textos preliminares das traduções de obras clássicas. Pensemos, por exemplo, em todo o movimento de tradução da tradição clássica empreendido pela Corte de Avis. Fernandes recorre aos mesmos tópicos para justificar a tradução deste livro de viagens que incorpora aos que formam o *Marco Paulo*. Salústio oferece-lhe uma excelente oportunidade: a passagem que traduz enumera, de maneira implícita, as considerações morais mais privilegiadas que deviam acompanhar as práticas literárias da época. Fernandes incorpora-as ao seu discurso, subtilmente, como variante de outro grande lugar-comum dos prólogos e proémios de toda a tradução didáctica, o *otium*, que reivindicava o estudo no tempo livre:

*E por ysso consijrando que a nos / sa vida nom deue passar em silencio. tomey por descanso antre os grandes trabalhos corporaes que tenho por sustentamento de vida e honrra em a muy nobre arte impressoria. e quis ocupar ho engenho e tralladar este presente liuro de Nycolao veneto de latim em lingoagem portugues*²⁷.

O texto continua com as circunstâncias em que Bracciolini redigiu a obra e refere o castigo imposto a Nicolao dei Conti pelo papa Eugénio IV para dar más crédito al texto recopilado de un renegado²⁸. E, recorrendo à fórmula estereotipada da falsa modéstia linguística, Fernandes reconhece que a sua tradução não pode igualar o original, dado que Poggio o escreveu *por hu-u stilo muy mais eloquente que ho eu tralladey*. Também reproduz a ideia da primazia da experiência directa e vivida que aparece no texto de Bracciolini, situando-se assim numa perspectiva humanista que anuncia alguns aspectos do poema de Camões. Logo depois de justificar a inclusão desta obra ao lado do *Livro de Marco Paulo*, detém-se nas dificuldades de traduzir, talvez a passagem mais citada e elogiada pelos investigadores que se ocuparam deste proémio. No entanto, que nós saibamos, ninguém indicou que se trata, em grande medida, de uma tradução do prólogo que Alfonso de Palencia escreveu em 1457 para a sua tradução *Batalla campal de los perros contra los lobos*, obra escrita originalmente em latim pelo próprio Palencia em 1455. Compare-se o início do texto de Valentim Fernandes com o de Alfonso de Palencia:

²⁶ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 78, r.

²⁷ *Id.*, 78, v.

²⁸ A. Crivat-Vasile, art. cit., p. 242.

Ajnda que se me faz muy graue ho tralladar de latym em lingoagem. conhecendo os defectos que assy em ho soom das clausulas. como em a verdadeira significacom de muytos vocabulos. que de necessario vem as tralladações de hũa lingoa em outra conuem de fallar per circunlocações ou rodeos²⁹.

Et como quiera que mucho se me faga grave el romanizar, sabiendo las faltas que así en el són de las cláusulas, como en la verdadera significación de muchos vocablos, de necesario vienen en las translaciones de una lengua á otra, mayormente en lo que de latín á nuestro corto hablar se convierte³⁰.

A ideia manifestada por Valentim Fernandes sobre o receio de que a sua tradução fosse objecto de crítica pode proceder da mesma fonte. Comparem-se de novo os dois textos:

Et así mesmo dióme osadia para que sin recelo de mucha reprehensión tomase este cargo, que tengo de romanizar lo que yo mesmo compuse; ca si tratado por otro compuesto hobiera de vulgarizar, primero te rogara que no me mandases cosa, em que fuese con razón después de los varones letrados reprehendido, ni creo que tú insistieras en lo que reprehensión me pudiera traer³¹.

Ca ho stilo dos muy eloquentes oradores he augmentar e diminuir as pallauras pera afremosentar o seu ornado latym. E eu que som alheo em ho fallar e no saber. me foy necesario em a dita tralladaçom algũas pallauras leyxar e outras ajuntar. daquellas que o autor pressupunha. com todo nom dando nem tomando do seu nenhũa cousa. Ca muytos que de muy doctos querem tralladar suas obras em stilo tam alto, que tambem de muytos ficam reprehendidos. fazendo nelles taaes figuras ou rodeos que lhes empacham ho entendimento. porque ho simprez leedor nom pode percalçar ou conhecer a verdade de sua sentença. E assy huñ por estilo chaão, e outros de muy ornado sempre ficam reprehendidos³².

Alfonso de Palencia (1423-1492), um dos grandes humanistas castelhanos, muito activo na vida política do seu tempo, escreveu em latim esta obra narrativa,

²⁹ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r.

³⁰ Alfonso de Palencia, «Prólogo a la traducción» de *Batalla campal de los perros y lobos*, em *Antologia de Humanistas Españoles*, edição revista por Ana M. Arancón, Madrid: Editora Nacional, 1980, p. 15.

³¹ *Id.*, p. 16.

³² F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r.

que os estudiosos qualificam como fábula política³³, e traduziu-a depois para castelhano a pedido de Alfonso de Herrera, secretário de Henrique IV. Para Alfonso de Palencia, todas as traduções equivalem a uma perda³⁴, incluindo as de latim para língua vulgar. Não obstante, a sua tradução merece-lhe uma justificação porque, ao tratar-se de um texto da sua autoria, as críticas que tal tarefa suscita não são assim tão importantes. Podemos supor que Valentim Fernandes conhecia esta obra e apreciava a prosa elegante e equilibrada do letrado castelhano. Deste modo, toma como ponto de partida as ideias sobre a dificuldade da tradução elaboradas por Palencia e desenvolve-as, expondo, desta vez à sua maneira, a concepção tipicamente peninsular da tradução como um assunto de conteúdo expresso num estilo leve e o empenho em levar a cabo a sua tarefa apesar das críticas que tal trabalho recebe. Reproduzimos, pela sua naturalidade, esta última ideia:

E por yssso bem vejo que ha hi portas patentes aa reprehensam. empero por esso nom leixarey folguar a penna. sabendo por çerto que nom escusarei ho que nenhuñ escusar pode. proseguindo o começado. e deixando os louuores que acostumam de poer aquelles a quem enderençam os autores suas obras ou liuros³⁵.

Quanto à parte final do próêmio, ela é extraída por Valentim Fernandes sem que seja mencionada a fonte, tal como acontece nos casos anteriores, do prólogo do *Esopete ystoriado*, uma tradução castelhana anónima que apareceu em 1488 em Toulouse, elaborada a partir da edição bilingue em latim e alemão de Heinrich Steinhöwel (1476?) e que teve numerosas reedições nos dois séculos seguintes. O tradutor anónimo dirige-se ao Infante D. Henrique de Aragão com estas palavras, que Valentim Fernandes não hesita em aproveitar:

conosciendo que la obra non sea rreputada por digna para que della pueda ser jnformada & jnstruida su esclarescida señoria, mas porque de su superhabundante discrecion & muy begnjvola nobleza rresciba auctoridade et sea distribujda a los vulgares et personas non tanto doctas & letradas, como de muy piadoso padre a los fijos³⁶.

³³ Cfr. A. M. Arancón, ed. cit., p. 112.

³⁴ Cfr. José Francisco Ruíz Casanova, *Aproximación a una historia de la traducción en España*, Madrid: Cátedra, 2000, p. 123.

³⁵ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r.

³⁶ Victoria A. Burrus, "The *Esopete ystoriado* and the Art of Translation in Late Fifteenth-Century Spain", *Livius*, 6, 1994 (149-160), p. 152. Este texto pode ser consultado também em *Esopete ystoriado* (Toulouse 1488). Ed. Victoria A. Burrus and Harriet Goldberg. Spanish Series 61. Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1990.

Conhecendo que a obra nom seja reputada por digna pera que della auia de ser informada e instruida sua esclareci / da senhoria. mas porque de vossa superabundante discreçam e muy benévola nobreza receba autoridade, e seja distribuida aos vulgares, e aas pessoas nom tanto doctas e letradas. como de muy piadoso padre a muy amados filhos³⁷.

Encontramos, uma vez mais, os tópicos da falsa modéstia, da necessidade de divulgar o saber entre os menos letrados e do panegirico final dirigido ao soberano.

5. Conclusões

Numa das histórias da literatura portuguesa mais conhecidas³⁸, o *Livro de Marco Paulo* aparece mencionado na parte dedicada à literatura de viagens. Curiosamente, não faz referência à riqueza dos materiais que o compõem nem à personalidade complexa do seu autor e impressor. Só encontramos o nome de Valentim Fernandes numa frase sobre o valor literário de alguns dos seus relatos contidos no manuscrito que leva o seu nome e numa nota bibliográfica. Neste trabalho, concentrámos a nossa atenção numa das suas obras, o *Marco Paulo*, o que nos levou a descrever cada elemento que a compõe na sua singularidade e a avaliar a compilação na sua totalidade. Talvez seja necessário insistir aqui na visão de conjunto, planificada pelo autor, e na preparação e manipulação de materiais que a difusão da obra implicava, com uma clara finalidade divulgadora, para os leitores portugueses não letrados do seu tempo. Do ponto de vista da história da tradução, quisemos destacar a singularidade da obra, um excelente exemplo da nova mentalidade do Humanismo científico interessado pelas traduções para a língua vulgar de relatos de viagens e textos geográficos e científicos³⁹. Por isso mesmo, interessámo-nos também pelo autor Valentim Fernandes. A sua posição privilegiada perante a Corte e no mundo comercial da época, unida à sua capacidade de trabalho e à sua inegável formação literária, são aspectos da sua personalidade que se vêem reflectidos nos diversos materiais que compõem o *Marco Paulo*, documentando a continuidade de uma tradição na prática da tradução e na reflexão sobre a mesma, que se iniciou na Corte de Avis; a identidade peninsular no que se refere às ideias sobre a tradução e uma grande familiaridade com os textos peninsulares.

³⁷ F. M. Esteves Pereira, ed. cit., 79, r-79, v.

³⁸ Cfr. António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 1982 (12.ª edição), pp. 306-307, 320.

³⁹ J. A. Sabio Pinilla e M. M. Fernández Sánchez, op. cit., «Prólogo» do *Tratado da Esfera* de Pedro Nunes, p. 65.

Vale a pena determo-nos nestas observações finais, porque nos conduzirão facilmente à avaliação requerida em todo o trabalho histórico. A nosso ver, Valentim Fernandes representa a continuidade de uma tradição portuguesa relacionada com a divulgação do saber em língua vulgar, promovida e apoiada pela Corte, mediante traduções e distintas manipulações e apropriações textuais dirigidas a um grupo restrito de leitores na Corte de Avis e a um público mais amplo, posteriormente, com a chegada da imprensa e a expansão ultramarina. Esta tradição portuguesa caracteriza-se também, tal como pudemos verificar em trabalhos anteriores⁴⁰, pela atenção concedida ao aspecto linguístico, às instruções de leitura e à recepção dos textos da perspectiva dos leitores (pense-se, por exemplo, nos casos do Infante D. Pedro e do rei D. Duarte). Observamos em Valentim Fernandes estas mesmas preocupações, embora a sua mentalidade seja outra, mais humanista do que medieval. Quanto à identidade peninsular subjacente na manipulação das fontes dos textos preliminares que considerámos, não podia ser de outra forma numa época tão marcada pelo bilinguismo e as estreitas relações culturais entre ambos os países. As reflexões sobre a tradução que aparecem no prólogo ao *Livro de Nicolao Veneto* são, por conseguinte, as suas, as da sua época. Outra questão é que escolha para as expressar a prosa de um dos humanistas castelhanos com mais elegância e desenvoltura no seu ofício.

(Tradução de Zilda Beatriz, revista pelos autores)

⁴⁰ M. M. Fernández Sánchez e J. A. Sabio Pinilla, "Tradición clásica y reflexiones sobre la traducción en la Corte de Aviz", *Trans*, nº 3, 1998 (23-36).